

ANTOLOGIA GREGA DE RODRIGO GARCIA GARAY

Rodrigo Garcia Garay

Livro I

Agatias Escolástico

I.37 – Acerca da gênese do Cristo

Σάλπιγγες, στεροπαί, γαῖα τρέμει· ἀλλ' ἐπὶ μήτρην
παρθενικὴν κατέβησ ἄψοφον ἵχνος ἔχων.

Trombetas, clarões, a terra treme; mas, à tua mãe,
a virgem, descendeste com passo sereno.

I.38 – Acerca do mesmo tema

Οὐρανὸς ἢ φάτνη, καὶ οὐρανοῦ ἔπλετο μείζων·
οὐρανὸς ἐργασίη τοῦδε πέλει βρέφος.

A manjedoura é o céu, é ainda maior que o céu;
o céu é obra deste recém-nascido.

I.39 – Acerca dos pastores e dos anjos

Εἷς χορὸς, ἔν μέλος ἀνθρώποισι καὶ ἀγγελιώταις,
οὐνεκεν ἄνθρωπος καὶ θεὸς ἔν γέγονεν.

Um só coro, uma só melodia para homens e mulheres e para os anjos,
pois que homem e Deus tornaram-se um só.

I.40 – Da gênese do Cristo

Οὐρανὸς ἢ φάτνη, καὶ οὐρανοῦ ἔπλετο μείζων,
οὐνεκεν ὄνπερ ἔδεκτο ἄναξ πέλεν οὐρανίωνων.

A manjedoura é o céu; é ainda maior que o céu,
pois aquele que por ela foi recebido é o senhor dos deuses celestiais.

I.41 – Sobre os magos

Οὐκέτι δῶρ' ἀνάγουσι μάγοι πυρὶ ἠελίῳ τε·
ἠέλιον γὰρ ἔτευξε τόδε βρέφος, ὡς πυρὸς αὐγάς.

Já não trazem os magos presentes para o fogo e o sol,
pois o sol este recém-nascido criou, assim como o brilho do fogo.

Livro II

Cristodoro de Tebas no Egito

II.I.97-98 – Sobre Platão

Εἰστήκει δὲ Πλάτων θεοεἰκελός, ὁ πρὶν Ἀθήναις
δείξας κρυπτὰ κέλευθα θεοκράντων ἀρετῶν.

E lá estava o divino Platão, que em Atenas primeiro
revelou os crípticos caminhos das virtudes forjadas pelos deuses.

II.1.372-376 – Sobre Tucídides

Θουκυδίδης δ' ἐλέλιζεν ἐὼν νόον· ἦν δὲ νοῆσαι
οἷά περ ἱστορίας δημηγόρον ἦθος ὑφαίνων·
δεξιτερὴν γὰρ ἀνέσχε μετάρσιον, ὡς πρὶν ἀείδων
Σπάρτης πικρὸν Ἄρηα καὶ αὐτῶν Κεκροπιδῶν
Ἑλλάδος ἀμητῆρα πολυθρέπτοιο τιθήνης.

Tucídides revirava sua mente: havia de pensar
que caráter oratório teria sua história, ao tecê-la;
tinha a destra erguida, alta acima do chão, como quando cantou outrora
acerca do amargo combate dos espartanos contra os cecrópidas¹⁴²,
o qual ceifou a Hélade, nutriz de tantas vidas.

II.1.377-381 – Sobre Heródoto

Οὐδ' Ἀλικαρνησοῦ με παρέδραμε θέσπις ἀηδῶν,
Ἡρόδοτος πολύιδρις, ὃς ὠγγίων κλέα φωτῶν,
ὅσσα περ ἠπειρῶν δυὰς ἤγαγεν, ὅσσα περ αἰῶν
ἔδρακεν ἐρπύζων, ἐνάταις ἀνεθήκατο Μούσαις,
μίξας εὐεπίησιν Ἴωνίδος ἄνθεα φωνῆς.

Tampouco me passou despercebido o rouxinol, divina inspiração de Halicarnasso, o
douto Heródoto, que dedicou às nove Musas
as glórias dos homens de outrora,
tanto as produzidas pelos dois continentes, quanto as que o tempo
rastejante observou, mesclando as flores da língua jônica
com suas belas palavras.

Livro V

V.1 – Proêmio de Constantino Cefalas

Νέοις ἀνάπτων καρδίας σοφὴν ζέσιν
ἀρχὴν Ἔρωτα τῶν λόγων ποιήσομαι·
πυρσὸν γὰρ οὗτος ἐξανάπτει τοῖς νέοις.

¹⁴² Ou cecrópidas são os atenienses, isto é, os descendentes de Κέκροψ, rei mítico de Atenas.

Inflamando o coração dos jovens de sábio fervor,
farei de Eros o início de nossas palavras:
pois é ele que acende a chama nos jovens.

V.8 – Meleagro

Νῦξ ἱερὴ καὶ λύχνε, συνίστορας οὔτινας ἄλλους
ὄρκοις, ἀλλ' ὑμέας, εἰλόμεθ' ἀμφοτέροι·
χῶ μὲν ἐμὲ στέρξειν, κεῖνον δ' ἐγὼ οὔποτε λείψειν
ὠμόσαμεν· κοινήν δ' εἶχετε μαρτυρίην.
νῦν δ' ὁ μὲν ὄρκιά φησιν ἐν ὕδατι κείνα φέρεσθαι,
λύχνε, σὺ δ' ἐν κόλποις αὐτὸν ὄρᾳς ἐτέρων.

Ó sacra noite, ó luzeiro, outras testemunhas
dos nossos votos além de vós não tomamos nós dois.
Que ele me amaria, e eu, que nunca o deixaria
juramos em comum, e sois testemunha.
Agora, no entanto, ele diz que votos assim são levados pela chuva,
e tu, luzeiro, o vês, junto ao peito de outrem.

V.14 – Rufino

Εὐρώπης τὸ φίλημα, καὶ ἦν ἄχρι χεῖλεος ἔλθη,
ἡδύ γε, κἂν ψαύσῃ μούνον ἄκρου στόματος·
ψαύει δ' οὐκ ἄκροις τοῖς χεῖλεσιν, ἀλλ' ἐρίσασα
τὸ στόμα τὴν ψυχὴν ἐξ ὀνύχων ἀνάγει.

O beijo de Europa, ainda que viesse no cantinho do lábio,
doce seria, ainda que tocasse apenas o cantinho da boca.
Mas ela beija não apenas com a ponta dos lábios; como que em fúria
sua boca arranca a alma até das unhas.

V.83 – anônimo

Εἴθ' ἄνεμος γενόμεν, σὺ δὲ δὴ στείχουσα παρ' αὐγὰς
στήθεα γυμνώσαις καί με πνέοντα λάβοις.

Ai, se eu fosse o vento, e tu, andando pela praia,
desnudasses teus seios e me tomasses quando eu sopra.

V.84 – anônimo

Εἴθε ῥόδον γενόμεν ὑποπόρφυρον, ὄφρα με χερσὶν
ἀρσαμένη χάριση στήθεσι χιονέοις.

Quem dera eu fosse um botão de rosa púrpura, para que com tuas mãos
me apertasses graciosamente junto aos teus seios de neve.

V.112 – Filodemo

Ἡράσθην· τίς δ' οὐχί; κεκώμακα· τίς δ' ἀμύητος
κώμων; ἀλλ' ἐμάνην· ἐκ τίνος; οὐχὶ θεοῦ;
ἐρρίφθω· πολὴ γὰρ ἐπέγεται ἀντὶ μελαίνης
θριξ ἤδη, συνετῆς ἄγγελος ἡλικίης.
καὶ παίζειν ὅτε καιρός, ἐπαίξαμεν· ἥνικα
οὐκέτι, λωιτέρης φροντίδος ἀψόμεθα.

Amei.

E quem não amou?

Participarei do κῶμος.

E quem não é iniciado nesses ritos festivos?

Mas perdi a razão.

Por quem? Não teria sido por um deus?

Desapegue-se! Pois, no lugar de uma negra cabeleira, já se impõe o cabelo grisalho, mensageiro da idade da sabedoria.

Quando era o tempo certo para brincar, brincamos. Agora, não mais:
à meditação mais elevada nos ateremos.¹⁴³

V.123 – Filodemo

Νυκτερινή, δίκερως, φιλοπάννουχε, φαῖνε, Σελήνη,
φαῖνε δι' εὐτρήτων βαλλομένη θυρίδων·
αὔγαζε χρυσέην Καλλίστιον· ἐς τὰ φιλεύντων
ἔργα κατοπτεύειν οὐ φθόνος ἀθανάτη.
ὀλβίζεις καὶ τήνδε καὶ ἡμέας, οἶδα, Σελήνη·

¹⁴³ Para traduzir os versos acima, seguimos o raciocínio do professor de Literatura Clássica (Florida State University, University of Cambridge) Francis Cairn em *Hellenistic Epigram – Contexts of Exploration* (2016, p. 394-395), acerca da importância do contexto e da forma do diálogo interno. Traçamos um paralelo com um poema *komásico* de Meleagro, analisado e traduzido por Cairns, o AP 12.117. Três elementos em comum são centrais para a interpretação de ambos os poemas: a forma de diálogo interno, o κῶμος (ponto de partida), e o imperativo perfeito médio-passivo ἐρρίφθω.

O *kōmos* era uma forma de festival ritualístico regado a vinho. No início do poema, somos informados que Filodemo se apaixonara. Pelo uso do perfeito κεκώμακα sabemos também que ele participara de um *komos* (teria ele seguido a pessoa amada até o *komos*?) onde perdera a razão (ἀλλ' ἐμάνην), possivelmente por um rapaz (tão belo quanto um deus), e subitamente ... ἐρρίφθω! (“*que seja lançado*”). Mas o que exatamente deve “*ser lançado*”? Comparemos agora nosso poema com a análise do AP 12.117, segundo Cairns: Meleagro encontra-se no momento da decisão: participar ou não do *komos*? Meleagro hesita, mas resolve participar (κωμάσομαι, κωμάσομαι). E o que fazer de suas convicções filosóficas (seu estudo da lógica)? Aqui, encontramos novamente o imperativo médio-passivo ἐρρίφθω: em um rompante, o poeta refuta seu grande labor acerca do conhecimento (ἐρρίφθω σοφίας ὁ πολὺς πόνος), pois ele nada pode contra o Amor. Mas ἐρρίφθω, no poema de Meleagro, tem por sujeito σοφίας ὁ πολὺς πόνος; no poema de Filodemo temos apenas o verbo, sem um sujeito aparente. Como nosso poema inicia no momento em que Filodemo *já retornou do komos*, consideramos que o que “*deve ser lançado (para longe?)*” é o pensamento (φροντίς), ou melhor, o apego ao pensamento *sobre o passado* (sobre o *komos* e o seu amado, que possivelmente lá ficou). Aqui, tomamos da liberdade poética e substituímos o *lançar* (ρίπτω) pelo nosso moderno *desapegar-se (do passado)*. O emprego do aoristo ἐπαίξαμεν parece corroborar que a brincadeira (o *komos*) já terminou e que, com a chegada dos cabelos grisalhos, já é hora de ater-se “*à meditação mais elevada*” (λωιτέρης φροντίδος) – conclusão apropriada para um filósofo. Ao contrário de Meleagro, que no AP XII.117 manda sua filosofia longe para participar do *komos*, no AP V.112, Filodemo manda longe o pensamento sobre o *komos*, para retornar à filosofia.

καὶ γὰρ σὴν ψυχὴν ἔφλεγεν Ἐνδυμίων.
Brilha, notívaga Lua, com teu duplo chifre, amiga das noitadas;
brilha, com tua luz lançada por entre as frestas das janelas;
e ilumina a áurea Calístion.
Afinal, observar as açõs dos que amam
não é invidia para uma imortal.
Tu alegras a ela e a nós, bem sei, Selene¹⁴⁴:
outrora Endímion inflamava tua alma também.

Livro VI

VI.2 – Simônides

Τόξα τάδε πτολέμοιο πεπαυμένα δακρυόεντος
νηῶ Ἀθηναίης κεῖται ὑπώροφια,
πολλάκι δὴ στονόεντα κατὰ κλόνον ἐν δαΐ φωτῶν
Περσῶν ἵππομάχων αἵματι λουσάμενα.

Este arco, em pausa da lacrimosa guerra,
repousa no templo de Atena, pois muitas vezes
ele, que arrancou tantos gemidos na confusão da batalha,
no sangue dos cavaleiros persas foi lavado.

VI.19 – Juliano, governante do Egito

Κάλλος μὲν, Κυθήρεια, χαρίζεαι, ἀλλὰ μαραίνει
ὁ χρόνος ἐρπύζων σὴν, βασιλεια, χάριν
δώρου δ' ὑμέτεροιο παραπταμένου με, Κυθήρη,
δέχγυσο καὶ δώρου, πότνια, μαρτυρίην.

A beleza, ó Citéria, tu concedes. Mas faz definhar,
o tempo que se arrasta, a tua graça, ó rainha.
Como vosso presente já voou para longe de mim, Citéria,
aceita este espelhinho, senhora, que da beleza foi testemunha.

VI.60 – Paladas de Alexandria

Ἄντι βοὸς χρυσέου τ' ἀναθήματος Ἴσιδι τούσδε
θήκατο τοὺς λιπαροὺς Παμφίλιον πλοκάμους.
ἢ δὲ θεὸς τούτοις γάνυται πλέον ἢπερ Ἀπόλλων
χρυσῶ, ὄν ἐκ Λυδῶν Κροῖσος ἔπεμπε θεῶ.

No lugar de uma oferenda dourada e de um boi para Ísis,
colocou Panfílio estes cachinhos lustrosos.
E a deusa se alegra com eles mais do que Apolo
com o ouro que Creso, rei dos Lídios, ao deus ofereceu.

¹⁴⁴ Σελήνη (isto é, a Lua) apaixonou-se pelo mortal Endímion, que permanecia em sono perpétuo. Não obstante, ela o visitava todas as noites, e dele gerou 50 filhas.

VI.92 – Filipe de Tessalônica

Αὐλὸν καμινευτῆρα τὸν φιλήνεμον
ρίνην τε κνησίχρυσον ὠκυδήκτορα
καὶ τὸν δίχηλον καρκίνον πυραγρέτην
πτωκὸς πόδας τε τούσδε λειψανηλόγους
ὁ χρυσοτέκτων Δημοφῶν Κυλληνίῳ
ἔθηκε, γήρα κανθὸν ἐξοφωμένος.

O seu aulo com foles, tão afeiçoado ao vento,
e a lixa de raspar ouro, de afiada mordida,
junto com as pinças de fogo duplas,
e também estas patas de pele de lebre para colher as raspas,
o ourives Demofonte para o Cilênio Hermes
aqui depositou, pois seus olhos estão escurecidos pela idade.

VI.153 – Anite

Βουχανδῆς ὁ λέβης· ὁ δὲ θεὸς Ἐριασπίδα υἱός,
Κλεύβοτος· ἅ πάτρα δ' εὐρύχορος Τεγέα·
τάθανα δὲ τὸ δῶρον· Ἀριστοτέλης δ' ἐπόησεν
Κλειτόριος, γενέτα ταὐτὸ λαχὼν ὄνομα.

Um caldeirão contendo um boi, é o que dedica
Cleóbotos, filho de Eriáspis, cuja pátria é a espaçosa Tégea.
Para Atena é o presente que fabricou Aristóteles
de Clêitor, a quem coube a sorte de ter o mesmo nome que o pai.

VI.231 – Filipo

Αἰγύπτου μεδέουσα μελαμβώλου, λινόπεπλε
δαῖμον, ἐπ' εὐιέρους βῆθι θηηπολίας·
σοὶ γὰρ ὑπὲρ σχιδάκων λαγαρὸν ποπάνευμα πρόκειται
καὶ πολιῶν χηνῶν ζεῦγος ἐνυδροβίων
καὶ νάρδος ψαφαρῆ κεγχρίτισιν ἰσχάσιν ἀμφὶ
καὶ σταφυλῆ γραίῃ χῶ μελίπνους λίβανος.
εἰ δ' ὡς ἐκ πελάγους ἐρρύσαο Δᾶμιν, ἄνασσα,
κῆκ πενίης, θύσει χρυσόκερων κεμάδα.

Protetora do Egito do negro solo, com teu manto de linho
ó Isis, deusa, desce aos sacros ritos,
pois para ti é posto um fino bolinho,
sobre as lasquinhas de madeira para o fogo,
um par de gansos selvagens que vivem n'água,

e a tênue essência de nardo¹⁴⁵, figos secos com grãos de painço dos dois lados, e uvas passas com doce incenso.

Mas, se, assim como salvaste Dâmis do alto mar, senhora, o livrares da penúria, ele te sacrificará um filhote de veado de chifres d'ouro.

Referências:

CAIRNS, Francis. *Hellenistic Epigrams – Contexts of Exploration*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

LIDDEL, Henry George; SCOTT, Robert. *Greek-English Lexicon*. New York: Harper & Brothers, 1883.

PALMER, David Robert. *The Gospel of Mark (Greek-English Interlinear Text)*, 2015. Disponível em: <<http://bibletranslation.ws/palmer-translation/>>.

Como citar este texto (ABNT):

GARAY, R. G. Antologia grega de Rodrigo Garcia Garay. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 94-100, 2019.

¹⁴⁵ O nardo, ou espiganardo, é uma planta nativa da Índia. Segundo o *Greek-English Lexicon*: “**νάρδος, ἡ**, em Latim *nardus*, planta também chamada de *νάρδον στάχυς* ou *ναρδόσταχυς* (Galeno), em Latim *nardostachyon, spica nardi, espiganardo [spikenard]*, utilizada para produzir um bálsamo perfumado ou óleo, planta esta pertencente à ordem *Valerianaceae*, Teofrasto, H.P. 9.7,2, Dioscórides 1. 6-9, cf. Sibth. Fl.Gr. 1.24” (Liddell-Scott, 1883, p. 991). No caso da oblação descrita no poema, trata-se do próprio óleo extraído da planta, pois aí o nardo – ou melhor, “*a essência de nardo*”, é dita *ψαφαρή*, o que normalmente significaria “*em pó*”, mas que no caso de líquidos, é sinônimo do *tenuis* latino (Ibid., p. 1753), razão pela qual optamos pela tradução “*tênue essência de nardo*”. Trata-se de uma oferenda bastante cara para a época, como evidenciado no Evangelho de Marcos (14:03):

ἦλθεν γυνὴ ἔχουσα ἀλάβαστρον μύρου **νάρδου πιστικῆς πολυτελοῦς**: συντρίψασα τὴν ἀλάβαστρον κατέχευεν αὐτοῦ τῆς κεφαλῆς.

“*Veio uma mulher portando um vaso de alabastro com perfume de óleo de nardo, de grande valor. Após ter quebrado o vaso, ela verteu-lhe sobre a cabeça*”.